



III Seminário Internacional de Pesquisas em **Mediatização** e Processos Sociais

Cibercultura, tecnicidade e a “espetacularização do eu”: A internet mediadora das relações sociais

Culture, technology and a spectacularization of the eu: A mediating internet of social

Felipe Aloísio da Silva Santos

Palavras-chave: Cibercultura, Espetacularização, Mediatização.

A cibercultura é uma nova forma de cultura que estamos imersos tal como ocorreu com a cultura alfabética há muitos séculos. Na cultura latino-americana, o processo de transição da cultura letrada para a tecnológica se deu muito rápido, se comparado a forma como o processo se desenvolveu em países da Europa. Nesta nova forma de se relacionar, motivada pelo uso das tecnologias, as relações de saber, trabalho e Estado, estão sendo reinventadas.

Essa crescente forma do cidadão de estar conectado às redes revela como os dispositivos das novas tecnologias de comunicação e informação, interativos e multifuncionais, têm sido frequentemente notados como recursos para fortalecer o processo democrático do acesso, fortalecendo o emprego das técnicas de produção audiovisual na produção de um texto, por exemplo, que modela as práticas dos receptores como seus modos de representação do social.

Considerando a Internet como um artefato cultural, o esforço sistemático para um maior controle da rede por parte da hegemonia de mercado pode assim ser



III Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Processos Sociais

confrontado com a possibilidade de apropriações táticas que desenvolvem uma interpretação alternativa sobre os significados culturais da rede.

Seguindo a lógica da sociedade globalizada em rede, nos apropriamos do conceito de mediação¹ que nos alerta às características do mundo conectado onde passamos a gerir sentimentos, emoções e afetos e, conseqüentemente, a comunicação assumiu papel estratégico, uma vez que é capaz de produzir riquezas materiais e imateriais, que são substanciais para a manutenção do vigor das relações humanas.

Como afirma Patrícia Saldanha², em seu artigo “*A Ciência do Comum*”: *A transcendência do bios midiático que reordena as vinculações cotidianas*, “A mediação é um processo estratégico para o espraiamento da ideologia financeira neoliberal através da reorganização política do mundo e da reordenação das consciências”.

A tecnicidade³, neste processo de acesso às redes, é o que Manuel Castells, em *A sociedade em rede* (2000), reflete onde constata o surgimento no século XX de uma nova fase de desenvolvimento do modo de produção capitalista baseada nas tecnologias de processamento da informação e de comunicação de símbolos. Além disso, a tecnicidade aponta para os modos como a tecnologia vai moldar a cultura e as práticas sociais.

¹ Sodré valida a mediação, enquanto ambiência que rearticula os sentidos, como protagonista do “sistema de inteligibilidade”. A esta ambiência dá-se o nome de “bios midiático”, ou seja, uma forma de vida paralela, que se consolida na construção do comum a ser propagado.

³ A tecnicidade, conceito desenvolvido por Jesus Martín-Barbero, nos remete à construção de novas práticas através das diferentes linguagens midiáticas. Pensar em termos de tecnicidade significa um esforço em compreender a complexidade dos discursos (das relações de poder e do contexto histórico que os constituem).



III Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais

A evolução da internet, que inicialmente contou além das páginas institucionais, com o correio eletrônico, depois com os canais de bate papos ou chats, as redes de sociabilidade e os blogs. Como afirmou a pesquisadora do campo da Comunicação Veneza Ronsini, no artigo intitulado *A perspectiva das mediações de Jesús Martín-Barbero (ou como sujar as mãos na cozinha da pesquisa empírica de recepção)*

Pensar em termos de tecnicidade significa um esforço em compreender a complexidade dos discursos (das relações de poder e do contexto histórico que os constituem). Além disso, a tecnicidade aponta para os modos como a tecnologia vai moldar a cultura e as práticas sociais.

A publicização de tudo, tão presente na sociedade contemporânea, retrata o deslocamento, um distanciamento, do ter, característico da sociedade capitalista, para o parecer, que é traço da sociedade do espetáculo⁴. Tal comportamento obedece à lógica de que de pouco servirá ter ou ser, se os outros não vêem. Ocorre um deslocamento do eixo de olhar para dentro de si, para os conflitos interiores, para uma perspectiva externa, um olhar para fora, que passa a se estruturar em torno do aspecto do próprio corpo.

Em um contexto midiaticado e democratizado, sobretudo pelas mídias digitais, o espetáculo não se relaciona a um conjunto de imagens, mas na conexão ocasionada a partir da relação social entre pessoas mediadas por imagens. Nesta esfera, a internet com seus blogs e canais de interação se mostra um espaço adequado a proporcionar esta interação e conseqüentemente criar o cenário propício para o espetáculo. Nesta

⁴ Sociedade do Espetáculo, conceito criado por Guy Debord, *A Sociedade do Espetáculo* é o trabalho mais conhecido de Guy Debord. Em termos gerais, as teorias de Debord atribuem a debilidade espiritual, tanto das esferas públicas quanto da privada, a forças econômicas que dominaram a Europa após a modernização decorrente do final da segunda grande guerra.



III Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais

sociedade do espetáculo, a personalidade passa a existir e se confirmar a partir da exposição em uma tela, proporcionada muitas vezes pela web.

A transformação da internet, em sua concepção inicial que buscava “vender coisas”, para a atual web 2.0 que “confia nos usuários como co-desenvolvedores” é colocada como uma estratégia do mercado, ideia essa defendida por Paula Sibília, autora do livro *O Show do Eu – A intimidade como espetáculo*, embora a internet e os meios digitais possibilitem um canal para que qualquer pessoa diga o que desejar, há no discurso presente neste canal um esgotamento da narração.

A explicação para este esgotamento está na ausência experiência decorrida do ritmo de vida de uma sociedade industrial, onde não se há mais tempo para se refletir o mundo e a própria existência. Esta sociedade é marca pela informação que traz ao homem o conhecimento do fato pelo fato, sem a necessidade de explicações ou reflexões. A todo esse processo, a internet atua como mediadora na construção do **novoser social**.

Retomando os pensamento de Barbero a respeito das mediações comunicativas da cultura, o autor afirma que na medida em que o comunicativo está se transformando em protagonista da vida cultural e social de todas as pessoas, a tecnicidade se aproxima da conformação da cultura do nosso tempo, na medida em que ela está imbricada com a cultura produzida institucionalmente pelos conglomerados do setor de comunicações. As mediações que atravessam a relação dos receptores com os meios não existem fora da relação com os meios: classes sociais, gênero, etnia, família, escola, grupos de amigos, indivíduos estão sendo modelados pela cultura da mídia.

“As mediações comunicativas na recepção são apreendidas através da análise dos textos midiáticos relevantes no cotidiano do receptor, abrangendo o exame do texto e dos usos, da sua circulação no espaço/tempo do receptor e da conformação deste espaço/tempo”.

A tecnicidade nos remete à construção de novas práticas através das diferentes linguagens midiáticas. Partindo deste conceito proposto por Barbero, recorreremos à



III Seminário Internacional de Pesquisas em **Mediatização** e Processos Sociais

autora latino-americana Paula Sibilia para entendermos o comportamento da sociedade no mundo contemporâneo mediado pelas redes digitais, onde o ‘Eu’ é espetacularizado.

O fenômeno de espetacularização da sociedade é enfocado a partir da introdução das novas mídias, sobretudo as digitais, no cotidiano da população. A “democratização” dos meios, ocasionada com a superação do modelo de comunicação fundado no broadcasting, onde havia um emissor para vários receptores, para o fenômeno da comunicação de todos para todos, inicia uma era comunicacional onde todos podem ter “voz”.

Já que a tecnologia nos proporcionou os meios e a sociedade nos deu atenção a partir da sua busca pelo real, o que temos a dizer? A morte do narrador e a urgência da informação geraram ao longo das transformações vivenciadas pela sociedade, um esvaziamento de conteúdo, uma ausência do discurso.

As redes proporcionam nossa cultura, nosso momento histórico, promove a individualidade de uma forma exagerada. Há uma espécie de concentração em si, naquilo que o sujeito gostaria de ser. Há um mercado enfatizado cada vez mais com os conceitos de sucesso e egoísmo focado no indivíduo onde ocorre as transformações complexas na sociedade.

Referências bibliográficas

CASTELLS, Manuel. *A Galáxia da internet: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.

_____. *A sociedade em rede.* São Paulo: Paz e Terra, 1999;

HEIM, Michael. *The metaphysics of virtual reality,* Oxford University Press, 1993

_____. “The cyberspace dialectic”, in: LUNENFELD, Peter (ed.) *The digital dialectic. New essays on new media,* Cambridge, Mit Press, 1999.

LEMONS, André. *Cibercultura. Tecnologia e vida social na cultura contemporânea.* Porto Alegre, Sulinas, 2002^a.



III Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Processos Sociais

MARTÍN-BARBERO, Jesús. *Ofício de Cartógrafo – Travessias latino-americanas da comunicação na cultura.* São Paulo: Edições Loyola, 2004.

RONSINI, Veneza V. Mayora. *A perspectiva das mediações de Jesús Martín-Barbero1 (ou como sujar as mãos na cozinha da pesquisa empírica de recepção.* Disponível em: http://compos.com.puc-rio.br/media/gt12_veneza_ronsini.pdf> Acessado em 21 de jan. 2019.

SIBILIA, Paula. *O Show do Eu: a intimidade como espetáculo.* Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

SALDANHA, Patrícia. “A Ciência do Comum”: a transcendência do bios midiático que reordena as vinculações cotidianas. Disponível em: <https://www.alaic.org/revista/index.php/alaic/article/viewFile/855/454> Acesso em 15 de jan. 2019.

SODRÉ, Muniz. *Antropológica do espelho : uma teoria da comunicação linear e em rede.* - Petrópolis, Vozes, 2002.